

## DO ORIENTE AO OCIDENTE: A SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA E O NEOSOTERISMO EM BRASÍLIA\*

Pepita de Souza Afiune\*\*



**Resumo:** o presente artigo propõe uma discussão a respeito da relação Ocidente-Oriente, procurando compreender de que forma ela está presente no contexto neoesotérico na contemporaneidade, sobretudo, no movimento da Nova Era. Partimos do pressuposto que houve a priori, uma criação do que entendemos por Oriente por parte do olhar Ocidental em seu interesse colonial, o que atraiu muitos viajantes, aventureiros e escritores para os países considerados exóticos, como o Egito e a Índia. Assim surgiu dentro da academia o Orientalismo, que dentre as suas premissas pesquisa estas relações entre europeus e suas colônias. No século XX ocorre uma proliferação e uma dinâmica de diversas formas de religiosidades de cunho esotérico que viajam para os países orientais para buscar nestas experiências os fundamentos de novas doutrinas. Destacamos neste artigo a Sociedade Teosófica Brasileira e o estabelecimento de sua sede em Brasília, fato que está intimamente relacionado a diversas crenças de caráter utópico, mítico e místico que foi atribuído à fundação da nova capital brasileira. Brasília, sonho de muitos estadistas brasileiros, se concretiza em 1960, representando uma nova era de mudanças culturais e socioeconômicas na região do Planalto Central. Seu projeto teve o cristianismo como uma de suas bases, mas a partir das diversas interpretações de um sonho profético do padre Dom Bosco, novas religiosidades peregrinam para a região, acreditando que o local é a verdadeira terra prometida que mana leite e mel.

**Palavras-chave:** Orientalismo. Neoesoterismo. Brasília. Nova Era. Orientalização do Ocidente.

FROM EAST TO WEST: THE BRAZILIAN THEOSOPHICAL SOCIETY AND NEOESOTERISM IN BRASÍLIA

**Abstract:** *the present article proposes a discussion about the West-East relationship, trying to understand how it is present in the neo-esoteric context in contemporary times, especially in the New Age movement. We start from the assumption that there was at first, a creation*

\* Recebido em 14.11.2017. Aprovado em: 20.03.2018.

\*\* Doutoranda em História (UFG). Bolsista CAPES/FAPEG. Mestra em Ciências Sociais e Humanidades (UEG). Especialista em Tecnologias em EAD. Graduada em História. *E-mail:* pepita\_af@hotmail.com



*of what we mean by the East by the Western look in its colonial interest, which attracted many travelers, adventurers and writers to the countries considered exotic, as Egypt and India. Thus emerged in the academy the Orientalism, which among its premises investigates these relations between Europeans and their colonies. In the 20th century, there is a dynamic and a proliferation of diverse forms of esoteric religiosities that travel to Eastern countries to seek in these experiences the foundations of new doctrines. We highlight in this article the Brazilian Theosophical Society and the establishment of its headquarters in Brasília, a fact that is closely related to several utopian, mythical and mystical beliefs attributed to the founding of the new Brazilian capital. Brasília, the dream of many Brazilian statesmen, took shape in 1960, representing a new era of cultural and socioeconomic changes in the Brazilian Highlands. His project had Christianity as one of its bases, but from the different interpretations of a prophetic dream of Father Don Bosco, new religiousness pilgrims to the region, believing that the place is the true Promised Land flowing milk and honey.*

**Keywords:** *Orientalism. Neoesotericism. Brazilia. New Age. Orientalization of the West.*

Um vasto campo de pesquisas tem se levantado nos últimos anos sobre as novas religiosidades, tanto em níveis de discussões teóricas, quanto pesquisas empíricas. Estas pesquisas abordam o panorama religioso na contemporaneidade e suas profundas transformações em relação ao aumento no número de novas doutrinas e filosofias.

Uma tendência dessas religiosidades é a sua secularização, o que demandou mudanças no conceito tradicional de religião sob a influência da Nova Era (*New Age*) que será abordada neste artigo.

Uma das características mais expressivas da religiosidade da Nova Era é a adoção de uma espiritualidade baseada em filosofias orientais. Essa retomada do Oriente na contemporaneidade nos leva a discutir acerca do Orientalismo, uma prática que historicamente passou por várias fases, tendo o Ocidente como atribuidor de significações ao Oriente, ao criar descrições de acordo sua própria cultura. Não que esse discurso seja unilateral, pois também envolve uma rede de permutas culturais.

A partir dos anos 60 percebemos também um adentramento das religiosidades orientais no Ocidente, porém, modificadas, possibilitada pelas imigrações e os movimentos contraculturais. Nos Estados Unidos destacaram-se dentre os imigrantes indianos, os gurus.

Com o advento do movimento de contracultura e o conseqüente aumento do fluxo entre Oriente e Ocidente, com a “invasão dos gurus” no mundo ocidental, juntamente com suas filosofias orientais, ou de inspiração oriental, o movimento toma feições mais claras, que se delineiam ainda mais com a infiltração dos discursos científicos (ou pseudocientífico como colocam alguns) (OLIVEIRA, 2009, p. 34).

Entendemos neste artigo que essa prática das religiosidades orientais ou a retomada de alguns de seus elementos é um exemplo do fenômeno denominado por Colin Campbell como a “Orientalização do Ocidente”, também aplicado por muitos sociólogos da religião. Mas para compreender a orientalização, é necessário, *a priori*, considerar o Orientalismo como uma prática histórica embrionária desse processo, porque o mesmo foi responsável pela criação do que entendemos por “Oriente”, criando acepções que se difundiram primeiramente na Europa. Este debate sobre o Orientalismo será embasado nas pesquisas de Edward Said, um palestino que viveu em sua terra e no Egito educado sob moldes ocidentais, e depois sofreu preconceito ao mudar para os Estados Unidos, local em que se tem muito afluído o racismo, os estereótipos culturais e esse preconceito contra o árabe, principalmente o muçulmano. Assim, ele propõe uma dissolução dessa fronteira estabelecida entre Oriente e Ocidente, e na verdade, uma exclusão da ideia de separação entre esses dois mundos e desse antagonismo, um desaprendizado necessário para se estabelecer novos tipos de relações.

Said (1990) analisa essas retomadas culturais como formas de sustentação de um olhar eurocêntrico e atribuição de uma imagem de exotismo e produto mercadológico a tudo que é oriental. Assim, ele nos leva a questionar: De que forma podemos entender essa Orientalização do Ocidente?



Ela teria reforçado uma visão colonialista ou empreendido uma exaltação do Oriente? Ocorreram trocas culturais? De que forma?

Isto posto, pretendemos compreender de que forma essas religiosidades orientais estão retomadas no contexto da religiosidade neoesotérica e da Nova Era. Para isso, como pressuposto metodológico, propomos analisar um grupo esotérico estabelecido em Brasília que retoma elementos de antigas religiosidades orientais - a Sociedade Teosófica Brasileira. Essa escolha pretendeu eleger um grupo que representa satisfatoriamente essa discussão, tornando-se um exemplo empírico, para um recorte verticalizado necessário para um artigo.

Desta forma, apresentamos o desenvolvimento desta discussão dividido em duas partes, sendo a primeira, uma discussão de cunho teórico para compreendermos o Orientalismo dentro destas práticas religiosas, procurando compreender a sua origem. A proposta também analisa algumas pesquisas brasileiras que elucidam o neoesoterismo e a Nova Era em suas relações com as religiosidades orientais, debatendo acerca da “Orientalização do Ocidente” frente ao Orientalismo. Na segunda parte, entendemos a importância de uma discussão de caráter empírico, realizando uma análise do grupo esotérico citado acima em suas práticas aqui entendidas como orientalistas, compreendendo também a especificidade de Brasília como um elemento importante para as novas tendências religiosas.

## DO ORIENTALISMO À ORIENTALIZAÇÃO DO OCIDENTE

A partir do século XVIII as representações orientalistas ganharam grande alcance após a expedição de Napoleão Bonaparte ao Egito, que causou um maior interesse científico para a região. Napoleão desde sua adolescência era apaixonado pelo Egito, principalmente pelas glórias de Alexandre. Sua expedição representaria uma reconquista do Egito, como um “novo” Alexandre. Além disso, teria o benefício de adquirir uma nova colônia árabe. Said (1990) afirma que este seria um projeto com um objetivo restaurador da grandeza clássica do Egito, conferindo-lhe forma e identidade, procurando inserir nas mentes a ideia de que o Egito era uma extensão da Europa.

Muitos pensadores (Shakespeare, Byron, Pope, entre outros) utilizaram esse termo “oriental” para designar geograficamente os povos da Ásia ou do Leste, mas também os determinando de forma cultural e moral. Essa produção literária inclusive evocava um mundo oriental surpreendente em meio a símbolos que representavam temores, prazeres, demônios e desejos, como a Esfinge, o Éden, Troia, Sabá e Babilônia, que alimentavam a imaginação europeia (SAID, 1990).

Até mesmo os artistas românticos do século XIX representaram o Oriente como sensual, sublime, ligado ao prazer idílico e ao terror ao mesmo tempo. Um exemplo disso seria o filósofo alemão Friedrich Schelling, que desenvolveu um estudo sobre a Índia, narrando que a cultura e a religiosidade hindu poderiam derrotar o materialismo e o mecanicismo ocidental. Schelling estabeleceu verossimilhanças entre o politeísmo oriental ao monoteísmo judeu-cristão. Um exemplo disso seria o estabelecimento de uma relação entre Abraão e a divindade Brahma. Mas, de uma certa forma, essa atração oscilava entre a apreciação e depreciação. O Orientalismo assim passou a representar muitos paradoxos. “O Oriente como um lugar de peregrinação é um deles; também o é a visão do Oriente como espetáculo, ou *tableau vivant*” (SAID, 1990, p. 166).

Muitos dos interessados pelo Oriente sentiram-se atraídos pelas suas formas de religiosidade, pelos seus panteísmos e suas espiritualidades. Muitas das sabedorias orientais foram adaptadas para o uso europeu (SAID, 1990).

A partir das sucessivas conquistas de independência política dos países africanos e asiáticos, e o episódio da Conferência de Bandung (1955), emerge uma nova postura frente ao conquistador com uma consciência de enfrentar as concepções orientalistas que os subjugavam. Respectivamente, cresce o interesse norte-americano pelo Oriente, ocorrendo um aumento dos estudos orientalistas nas universidades, o surgimento de interesses econômicos e políticos nas regiões orientais que são estratégicas mundialmente e o aumento do interesse pelo seu exotismo.

Com o advento da tecnologia, tinha-se a impressão de que o Oriente se tornava mais próximo, o que inclusive reforçou determinados estereótipos que passam a ser veiculados nos aparatos midiáticos. Reforçou-se a ideia de um Oriente misterioso, e ao mesmo tempo, perigoso, em evidência do terrorismo islâmico.



Barroso (1999) acrescenta que foram os românticos oitocentistas os responsáveis pelo estabelecimento de uma visão positiva sobre o Oriente, o que resultou posteriormente em uma grande influência nas religiosidades. Um fato importante citado pela autora, é que houve uma mudança na representação dos orientais, que passaram da fase de “ser representados” a “representar a si mesmos”, quando aconteceu o Parlamento Mundial das Religiões no ano de 1893 em Chicago. Neste evento, representantes orientais apresentaram suas tradições para o Ocidente pela primeira vez na História. É claro que para isso ocorrer, era necessário que um interesse pelo Oriente já estivesse em andamento, que seria justamente empreendido pelo Romantismo.

Barroso alia esse fator à independência indiana ocorrida posteriormente no século XX, quando os hindus procuraram estabelecer a sua própria identidade frente à ameaça da extinção de sua religião por parte de imposições religiosas advindas de fora, como o cristianismo e o islamismo (BARROSO, 1999, p. 12-3). Esse fator teria feito parte do que a autora chama de “renascença oriental”.

O Parlamento Mundial das Religiões resultou em instaurações de Sociedades Vedantas nos Estados Unidos, com o objetivo de “introduzir suas tradições entre adeptos ocidentais, utilizando como instrumental principal para isto a perspectiva de uma prática das mesmas” (BARROSO, 1999, p. 14). Esse interesse ocidental pelo Oriente também esteve neste período acontecendo na Europa. Podemos verificar que na Alemanha por exemplo, foi criada a *American Oriental Society* no ano de 1842.

O evento também marcou a aceitação das religiões orientais na cultura norte-americana, e tal impacto chamou a atenção de Max Weber inspirando-o em seu conjunto de ensaios sobre as religiões orientais, que se inicia em 1913, culminando em 1919 (CIPRIANI, 2007).

Segundo Silveira (2003) a tese de Weber afirma que as bases dos preceitos hindus produziram uma cultura que resistia à racionalidade e à acumulação de capital. Weber discute as formas de fuga do mundo ou contemplação mística, que são práticas espirituais que visam a centralização do indivíduo. Uma resignação perante o mundo.

A tese de Barroso é importante para esta discussão, à medida que ela nos mostra que esse contato Oriente / Ocidente se efetuou em uma via de mão dupla. A autora aponta que essa autor-representação do Oriente na verdade iniciou uma elaboração de imagens também do Ocidente. O Ocidente em toda a sua materialidade deveria ser curado, e quem poderia prover essa benção seria a Índia. Esse exemplo não quer dizer que houve uma construção de uma imagem negativa do Ocidente por parte do Oriente, mas uma série de negociações que irão resultar em adoção de valores em uma relação mútua. Não se tratava de negar o Ocidente, mas de incorporar alguns de seus elementos em um processo de apropriação que representou uma imagem de flexibilidade das religiosidades orientais (BARROSO, 1999, p. 28).

De acordo com Caes (2009) no campo das Ciências da Religião, têm-se percebido um aumento no interesse por estas pesquisas que relacionam as filosofias religiosas orientais com as ocidentais. Ele propõe uma análise do que Campbell (1997) denomina de “Orientalização do Ocidente”, que seria uma progressiva substituição dos valores ocidentais pelos orientais. Essa teoria defende a influência das ideias do Oriente no Ocidente, porque suas duas teodiceias são contrastantes. No caso, a teodiceia oriental é marcada pelo monismo, que estabelece relações unificadoras entre o homem e a natureza, o espiritual e o físico, dentre outras. Já a teodiceia ocidental é dualista, que a todos estes elementos separa, marcada pela racionalidade. Assim, o modelo ocidental estaria perdendo espaço para o oriental. A teodiceia oriental estaria menos suscetível à ciência (se aproveitando de suas incertezas, atribuindo respostas a elas). Ao possuir essa visão holística, a teodiceia oriental estaria estabelecendo uma mudança de atitude quanto a autoconsciência humana em sua existência no planeta Terra, o que muda a sua forma de relação com o divino (CAES, 2009, p. 158).

Então na perspectiva de Caes o processo de orientalização é na verdade uma interação e integração entre ambas visões. Seria um encontro entre Oriente e Ocidente no campo das religiões, que tem influenciado o panorama religioso ocidental atual. O autor defende que urge uma necessidade do homem ocidental de conhecer as culturas orientais para romper com as suas tradições racionalistas, um diálogo inevitável. “Como exemplos de movimentos que demonstram essa virada para o místico e o cósmico, Campbell aponta o Neopaganismo, a Nova Era e os Movimentos Ambientalistas” (CAES, 2009, p. 157).

continua...



Caes afirma que o interesse pelas religiosidades orientais por parte do olhar ocidental tem sido mais praticada recentemente, e que nesse caso também, ele acredita que já estaria se libertando dos antigos preconceitos. O autor esclarece que essa proposta não quer dizer que o ocidental se transformou em um oriental, mas que sua visão de mundo se aproximou da teodiceia oriental, retomando suas práticas (CAES, 2009, p. 154).

Silva (2010) partilha desta mesma opinião, incluindo que as bases de todo o esoterismo contemporâneo são as teodiceias orientais, e a Nova Era pratica justamente a agregação de elementos díspares, não confrontando o Ocidente com o Oriente. Desta forma, a autora acredita que não é uma via de mão única a relação entre Oriente e Ocidente, à medida que houve uma influência das religiosidades orientais em um processo de ressignificação de religiões cristãs.

Podemos aprofundar no conceito de Nova Era<sup>1</sup>, compreendendo-a como uma tendência religiosa não doutrinária, que busca uma nova relação entre o homem, o planeta e o universo, com orientações holísticas<sup>2</sup>. Suas práticas permutam elementos de religiosidades ocidentais, bem como as orientais. Esse processo metamórfico se aproxima do paganismo e da magia, abandonando também os laços tradicionais da igreja. Não existe uma identidade fixa do indivíduo, à medida que ele pratica determinadas ações que levam à sua espiritualidade, não necessitando rotular-se com uma religião específica.

A Nova Era, para Santos (2013, p. 70),

pode ser pensada enquanto uma cosmopolítica *alternativa*, um conjunto de práticas e ideias cosmicamente informadas e com propósito de abrangência planetária. Essa cosmopolítica enseja uma “outra globalização”, sustentada em princípios de fraternidade, ecologia e misticismo.

No sentido dessa filosofia da Nova Era, estes indivíduos buscam uma emancipação dos regulamentos hegemônicos ocidentais, à medida em que vivem em uma comunidade de cooperação coletiva, possuem uma maior ligação à terra e seus respectivos frutos, passando a estabelecer laços fortes com essa nova família recentemente construída, que não necessita necessariamente ser formada pelas predeterminações biológicas (SANTOS, 2013).

Santos chegou a estas conclusões a partir de pesquisas realizadas em uma comunidade situada no município de Alto Paraíso de Goiás, a qual ele denomina como uma família transnacional. Alto Paraíso se tornou um polo atrativo de misticismo devido a muitos fatores como a concentração dos cristais de quartzo e a localização no paralelo 14, que por sua vez, possui muitas interpretações místicas por ser a mesma linha que conecta Alto Paraíso à Machu Picchu no Peru. Contudo, toda essa mística na Chapada dos Veadeiros se deve a princípio, pelo movimento esotérico ocorrido no Distrito Federal brasileiro.

A natureza exuberante do Planalto Central, passou a ser relacionada a mitos ocidentais como o paraíso terreal. Seria o local perfeito para gerar uma nova civilização. Brasília seria fundada no local em que muitos acreditavam ser a terra prometida. Essas promessas atraíram tanto pessoas em busca de uma vida melhor quanto pessoas ligadas às novas religiosidades.

Essas peregrinações religiosas assinalaram um momento de efervescência religiosa nos anos 60, do qual participou os ideais da Nova Era. Este movimento surgiu através da busca por doutrinas e religiosidades orientais, que começaram a ser difundidas no Ocidente, efetivando um momento de intensas trocas culturais. Brasília então se tornou um grande atrativo destas religiosidades, passando a receber diversas correntes, tornando-se um polo do ecumenismo e espiritualismo nacional.

## O NEOESOTERISMO EM BRASÍLIA E A SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA

Brasília foi fundada em 1960 inspirada por um mito – a terra prometida – baseado nas profecias de Dom Bosco, que se tornou o co-padroeiro da cidade. Era considerada uma região afastada, mas marcou um projeto significativo na História do Brasil, porque promoveu uma integração entre as regiões do país a partir de uma utópica proposta. Assim, Brasília começou a ser vista por muitos entusiastas como a capital do terceiro milênio.

Após a Proclamação da República, a nova Constituição Federal estabeleceu que a capital seria transferida para o Planalto Central. Para isso, a Missão Cruls determinou o quadrilátero de 14.400



quilômetros para resguardar o ponto em que seria construída. No ano de 1922, o presidente Epitácio Pessoa empreendeu a inauguração da pedra fundamental (Figura 1) da nova capital na cidade de Planaltina, que por sua vez, fazia parte do quadrilátero. Um de seus idealizadores foi o deputado goiano Americano do Brasil que apresentou o projeto no Congresso Nacional.

O monumento foi arquitetado em formato de obelisco, claramente inspirado pelos monolíticos do Egito Antigo. A altura dos obeliscos pode variar, visto que seu uso se popularizou pela Europa e América, mas o seu formato comum apresenta uma base quadrada, possui um formato alongado, e o seu cume apresenta uma pirâmide. O obelisco em Planaltina foi inaugurado ao meio-dia com o objetivo de receber a incidência do sol em seu cume (VASCONCELOS, 1978).



Figura 1: Pedra Fundamental de Brasília

Fonte: Agência Brasília, disponível em <agenciabrasilia.df.gov.br>.

Nota: foto de Gabriel Jabur (2015).

Isto posto podemos perceber que Brasília desde o assentamento de sua pedra fundamental começou a deixar pistas de uma orientalização que posteriormente marcou a estética dos grupos esotéricos estabelecidos no local. Na verdade, esse fascínio pelo Oriente, mais especificamente pelo Antigo Egito, ficou mais evidente na região na década de oitenta quando a egiptóloga Iara Kern publicou a obra intitulada *De Akhenaton a JK: das Pirâmides a Brasília* (1984). A partir de sua leitura de um hipotético sonho profético do sacerdote italiano Dom Bosco, Kern desenvolveu uma tese relacionando a cidade de Brasília com a cidade de Akhetaton no Egito, na qual, ela também defende que Juscelino Kubistchek seria uma reencarnação do faraó Akhenaton. De tal modo, Brasília teria sido construída inspirada nessa cidade antiga egípcia e todas as suas edificações da arquitetura monumental seriam inspiradas pelas edificações egípcias. Inclusive, a autora afirma que “assim como no Egito Antigo emergiam monumentos em homenagem aos seus fundadores, em Brasília temos uma Ermida em homenagem a D. Bosco” (KERN, 1984, p. 21).

Dentre uma das semelhanças estabelecidas por Kern (1984) entre as edificações egípcias e brasilienses estava o prédio da CEB – Companhia Energética de Brasília, que foi relacionado à Pirâmide de Saqqara, no Egito (Figura 2).





Figura 2: Pirâmide da CEB (DF) e a Pirâmide de Saqqara no Egito

Fonte: Kern (1984, p. 107).

Nota: ilustração de Byron de Quevedo.

Kern defendia que as dimensões de ambas as pirâmides seriam semelhantes, e que a pirâmide egípcia seria uma guardiã de energia, só que nesse caso, uma energia metafísica, da mesma forma que a pirâmide da CEB promovia energia para Brasília. Muitos formatos piramidais de monumentos em Brasília como o Teatro Nacional e a Ermida Dom Bosco também foram relacionadas às pirâmides egípcias. Kern (1984) afirma que esses formatos não foram idealizados por seus arquitetos de forma intencional, isso teria acontecido de forma natural, como se eles fossem reencarnações de sacerdotes ou arquitetos egípcios.

O sacerdote italiano São João Bosco (canonizado em 1934) influenciou muitas mentes em prol da transferência da capital com o objetivo de fundar uma nova civilização. No ano de 1883 Dom Bosco relatou:

Eu enxergava nas vísceras das montanhas e nas profundezas da planície. Tinha, sob os olhos, as riquezas incomparáveis dessas regiões, as quais, um dia, serão descobertas. Eu via numerosos minérios de metais preciosos, jazidas inesgotáveis de carvão de pedra, de depósitos de petróleo tão abundantes, como jamais se acharam noutros lugares. Mas não era tudo. Entre os graus 15 e 20, existia um seio de terra bastante largo e longo, que partia de um ponto onde se formava um lago. E então uma voz me disse, repetidamente: ‘Quando vierem escavar os minerais ocultos no meio destes montes, surgirá aqui a Terra da Promissão, fluente de leite e mel. Será uma riqueza inconcebível’ (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2005, p. 6).

Este relato foi considerado um sonho-profético e a partir de sua popularização no Brasil muitos idealizadores de Brasília, como o próprio Juscelino Kubitschek, começaram a pesquisar e suscitar polêmicas de que o sacerdote estaria se referindo a Brasília. O “sonho-profético” foi publicado na obra do sacerdote intitulada *Memórias Biográficas* que compreende dezenove volumes. Após isso, muitas biografias se inspiraram na obra e procuraram interpretar seus relatos.

Oscar Niemeyer foi responsável, dentre outros edifícios da arquitetura monumental de Brasília, pela idealização da Ermida Dom Bosco (Figura 3), uma capela inaugurada no ano de 1957 na região

do Lago Sul. A capela apresenta o formato de uma pirâmide com base triangular e seu interior abriga uma estátua de Dom Bosco e uma placa que recorda o trecho citado do seu sonho.



Figura 3: Ermida Dom Bosco  
Fonte: Autoria própria (2016).

Argumenta-se que Dom Bosco teria se referido a uma região situada entre os paralelos 15 e 20, e que também estaria localizada entre a Cordilheira dos Andes e o Oceano Atlântico. A região apresentaria rios caudalosos, florestas, minas de ouro, pedras preciosas e petróleo.

O Senado Federal publicou informações a respeito do que muitos acreditam ser a profecia de Bom Bosco, afirmando que o sacerdote relatou nos seus sonhos uma viagem à América do Sul, sendo que ele jamais teria visitado a região. Assim, um anjo teria revelado ao sacerdote sobre uma terra prometida após ter passado pela Colômbia e Argentina. Muitos intérpretes do sonho afirmam que Brasília situa-se exatamente dentro das coordenadas geográficas mencionadas na obra de Dom Bosco (NAZÁRIO, 2010, s/p.).

Esses foram alguns elementos históricos responsáveis pela representação mística de Brasília que até hoje a torna um marco do misticismo no Brasil. Apesar de seu antagonismo que por um lado, apresenta uma cidade construída pela modernidade, com uma arquitetura e estrutura modernista, marcou o que conhecemos como o Desenvolvimento do Oeste, e por outro lado, tornou-se local para a manifestação do fenômeno neoesotérico. Nos olhos da socióloga Siqueira, Brasília é

mística, sagrada, solidária, multicultural, plurirregional e transnacional, que convive com a Brasília da corrupção, da exclusão, da violência, do suicídio. Todas estas chamadas contraditórias e conflitivas são as que alimentam o fogo da utopia da capital nacional, mesmo que seja apenas imaginária na mente de cada brasileiro (SIQUEIRA, 2003, p. 144).

De fato, encontramos muitos grupos religiosos na região que possuem o discurso e o desejo de se criar uma nova consciência religiosa, para preparar a humanidade para uma Nova Era. Baseiam-se em preceitos sincréticos que unem elementos cristãos a crenças cósmicas, japonesas, hindus, egípcias, maias, tibetanas, dentre outros.



Em 1994 na Universidade de Brasília (UnB), um grupo de pesquisadores do Departamento de Sociologia iniciou pesquisas sobre a diversidade desses grupos, denominando-os como grupos místico-esotéricos. Pelo fato dessas religiosidades não se expandirem através da conversão, como os cristãos tradicionais, foi adotado o termo “adesão”. Esses grupos se consideram antidoutrinários e praticam terapias, criando um novo estilo de vida e colocam-se em oposição às religiões tradicionais por questões como a culpa, a repressão, a acumulação de riquezas, hierarquias e determinados ritos.

Apesar da heterogeneidade destes grupos, entre eles, encontramos vários pontos em comum. Nos seus preceitos encontramos a crença nos *karmas*<sup>3</sup>, na reencarnação, prática de meditação<sup>4</sup>, recitação de mantras, a utilização de alucinógenos (*ayahuasca*, entre outros) em rituais específicos e desapego ao materialismo. “As técnicas de meditação transcendental, yoga, zen, controle mental, os recursos aos mestres espirituais, gurus, etc., são utilizados como vias de acesso à experiência mística” (SIQUEIRA, 2003, p. 39).

A partir da década de cinquenta muitos grupos espiritualistas se instalaram em Brasília e outras regiões do Distrito Federal, começando um período de ululantes representações místicas. A Sociedade Teosófica Brasileira faz parte desse movimento esotérico, sendo a eleita, dentre muitas outras<sup>5</sup>, para a análise no presente artigo. Tomamos o grupo como um apropriado exemplo empírico da orientalização em Brasília.

Visvanathan (2009, p. 492) descreve a Teosofia como:

Trata-se de um corpo doutrinário que procura sintetizar a Filosofia, a Religião e a Ciência, estando presente em vários sistemas filosóficos [...]. Tratava-se de uma busca por conhecimentos marginais e ocultos, e também por um outro Ocidente, um Ocidente derrotado que as imaginações ocidentais dominantes tinham suprimido.

Helena Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica, teve a sua iniciação esotérica no Tibete. Foi para os Estados Unidos em 1875, fundando o grupo em Nova York, apesar de muitos adeptos acreditarem que a Sociedade tem suas origens na Índia Antiga e tendo sido também conhecida pelos egípcios.

Blavatsky escreveu vários livros afirmando que foram resultados de recebimento de informações dos grandes mestres em um plano astral. No Brasil o responsável pela fundação do movimento foi Henrique José de Souza e sua esposa Helena Jefferson de Souza na cidade de São Lourenço-MG em 1921. Em 1978 a Sociedade estabeleceu a sua sede em Brasília.

A Eubiose inspirou e influenciou uma série de outros grupos e colégios iniciáticos, desde preceitos espíritas a lojas maçônicas. Com a morte de seu preceptor, a então Sociedade Teosófica Brasileira assume seu nome atual, e se firma como uma instituição preocupada em acelerar o ritmo da evolução humana, com o claro objetivo de prepará-la para o advento de um novo período de grande desenvolvimento mental e espiritual (SOCIEDADE BRASILEIRA DE EUBIOSE, 2012, s/p).

O seu emblema (Figura 4) conglomerava símbolos de origem oriental, como é o caso do *Om* ou *Aum* hindu, uma representação gráfica e sonora da trindade Vishnu, Shiva e Brahma. É definido nos *Vedas*<sup>6</sup> como o som do universo, sendo também seu início e fim. É ele que inicia e finaliza todos os mantras. Abaixo dele encontra-se a *cruz suástica* ou cruz alada, que simboliza a energia que origina o universo para várias doutrinas orientais, como o budismo e o hinduísmo.

O símbolo mais evidente no emblema é o *Selo de Salomão*, que apresenta dois triângulos equiláteros entrelaçados, simbolizando o universo como uma dualidade entre espírito e matéria. O triângulo com a ponta para cima representa o fogo e o triângulo que aponta para baixo, a água. Dentro dele está a *cruz ansata* que representa o espírito submerso na matéria, também conhecida como a cruz da vida, tendo origem na antiguidade egípcia a partir do *Ankh*, o símbolo da vida eterna. Ambos os símbolos estão envoltos a uma serpente, o *Ouroboros* - “aquele morde a própria cauda”, simbolizando a eternidade, um círculo sem começo e sem fim. Foi apropriado pelos alquimistas na Idade Média, mas sua origem remonta ao Antigo Egito.





Figura 4: Emblema da Sociedade Teosófica Brasileira  
Fonte: Sociedade Teosófica Brasileira (s/d), disponível em <sociedadeteosofica.org.br>.

De acordo Barroso (1999, p. 23-5) a Sociedade Teosófica se interessa pelo Oriente como um meio para o encontro com o sobrenatural, como uma alternativa ao cristianismo. Um fator importante desse movimento era o seu diálogo estabelecido com a ciência moderna, ação até então recusada pelo cristianismo. A Sociedade deslocou a sua sede para a Índia em 1882, passando assim a formar mestres ocidentais dentro das tradições orientais. Sua doutrina foi baseada a partir de diversos pensamentos filosóficos e doutrinas, mas o Hinduísmo foi preponderante.

Henrique José de Souza criou um sistema geográfico (Figura 5) com o objetivo de projetar Brasília para influenciar positivamente os rumos da capital brasileira. Segundo Salvi (2007) esse sistema estabelece um elo entre a antiga capital e a nova, através de um eixo mágico que une as cidades de Alto Paraíso-GO e São Lourenço-MG. Esse sistema equilibra as forças no país e descentraliza o poder.

Itaparica-BA está próximo a primeira capital federal, Salvador. São Lourenço-MG está próximo ao Rio de Janeiro, a antiga capital. Xavantina-MT atua no sentido de interiorizar as energias para o país, lembrando que está próximo à Barra do Garças-MT, local também permeado por misticismo. Alto Paraíso-GO está próximo a Brasília. Assim, um triângulo une as três capitais federais históricas. “E com isto se abre um amplo corredor de integração espiritual, denotando a reabertura dos caminhos das poderosas energias atlantes, ao longo da faixa tropical brasileira” (SALVI, 2007, p. 17).

Alto Paraíso desta forma tornou-se importante centro místico no Brasil, que influencia a nossa nova capital federal. O maçom Pedro Ghenov esclarece em entrevista concedida a Salvi que: “[...] O Sistema Geográfico recém-criado é para regular o Funcionamento da cidade LUZ, que se encontra por sob a cidade de Brasília. Em 1789 ela estava sob Paris. E hoje está aqui no Brasil” (SALVI, 2007, p. 93).





Figura 5: O Triângulo Geográfico JHS  
Fonte: Lusophia (2016), disponível em <<https://lusophia.wordpress.com/2016/02/15/os-deuses-redimidos-do-brasil-por-vitor-manuel-adriao/>>.

Isto posto, podemos perceber que Brasília recebeu uma projeção muito importante dentro do ambiente neoesotérico nacional e até mesmo internacional, com essa incumbência utópica de fundar uma nova civilização e uma Nova Era de fraternidade universal. Brasília se tornou essencial nos discursos místicos da Sociedade Teosófica Brasileira, por estar centralizada dentro de uma Geografia Sagrada Brasileira, criada com o objetivo de equilibrar as energias no país. Por ser o local no qual se ditam os rumos do país, Brasília necessitou desse apoio espiritual que mobilizou não apenas a Sociedade Teosófica, mas muitos outros grupos de orientação espiritualista, filosófica e esotérica, tornando-se a capital mística do Brasil.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo suscitou uma problematização, estabelecendo indagações iniciais a respeito da retomada do Oriente pelo Ocidente no que tange a sua religiosidade. O principal fator questionador foi a relação entre ambos, se ainda hoje, no panorama neoesotérico, podemos entender essas práticas religiosas como mantenedoras de um olhar colonial apesar de elas terem absorvido e difundido as práticas orientais pelo mundo.

Para esta discussão, o artigo estabeleceu diálogos sobre o Orientalismo para se chegar a uma compreensão de que estas práticas foram embrionadas em um contexto histórico marcado pela dominação europeia sobre os países colonizados.

Todo encontro cultural mesmo que seja embrionado em um estabelecimento de dominação de um agente sobre o outro, desenvolve relações de trocas de elementos culturais, como foi o caso do encontro entre Ocidente e Oriente.



Essa popularização das religiosidades orientais no Ocidente promovida pelos movimentos neoesotéricos e da Nova Era possui uma raiz colonial dentro de uma matriz de poder estabelecida pelos franceses e ingleses nos países asiáticos e no Oriente Próximo. Esse contato que primeiramente se deu no âmbito colonial, possibilitou também a migração de muitos europeus para esses países, com uma vontade de se conhecer aquilo que era considerado exótico.

Posteriormente com a metamorfose do Orientalismo, surgindo uma matriz romântica no século XIX, a religiosidade oriental começou a ser reformulada e praticada no Ocidente como uma fuga da materialidade ocidental. Assim, o Oriente passa a ser também o domínio do sobrenatural e do autoconhecimento, fatores extremamente atrativos para os ocidentais, exaustos de seu encanecido tradicionalismo religioso.

É interessante perceber que o Hinduísmo utilizou como uma estratégia para a sua disseminação pelo Ocidente, uma roupagem filosófica, definindo novos estilos de vida e pensamento alternativos ao consumismo da sociedade industrial.

Então podemos concluir que houve um processo de via de mão dupla, no qual ocorreu uma permuta de elementos culturais entre Ocidente e Oriente. No caso específico das práticas religiosas orientais, elas se difundiram primeiramente na Europa, posteriormente nos Estados Unidos e depois pela América. Nos lembra o indiano Visvanathan (2009, p. 491): “Não apenas há um Ocidente em nós, há um ‘nós’ no Ocidente”.

A Sociedade Teosófica Brasileira buscou na Índia seus conhecimentos para construir as suas bases epistemológicas e filosóficas. O grupo não se apresenta como uma religião, mas como um grupo de estudos. Assim, todo o panorama neoesotérico principalmente os grupos inspirados pela Nova Era têm suas bases na religiosidade oriental. Temos assim uma cultura orientalizada, e adotamos a cidade de Brasília como um exemplo empírico, por ser no Brasil um apropriado laboratório para se compreender o Orientalismo e a sua relação com o neoesoterismo.

#### Notas

- 1 Também está relacionada às *trances*, festivais de música eletrônica que surgiram nos anos 70 em festas realizadas nas praias indianas paradisíacas no estado de Goa. Esses festivais foram marcados pelos movimentos de contracultura, que reuniam jovens que procuravam uma fuga da sociedade ocidental, com objetivo de transcender, alcançar uma espiritualidade dando origem ao estilo *Goa Trance*, que influenciou os jovens alemães e foi se difundindo pelo mundo ocidental. Essa nova formação social reuniu diversas nacionalidades, criando comunidades espirituais sob a influência dos ensinamentos de Osho e chegou ao Ocidente na década de 90. O estilo de música eletrônica simula os efeitos neurológicos de um LSD, em batidas repetitivas e efeitos sonoros que dizem ser hipnotizantes e que trazem uma experiência de transe (em inglês, *trance*) (SANTOS, 2013).
- 2 “O ser como um todo, numa perspectiva integral”, ou “O universo como um todo que está presente em tudo” (SIQUEIRA, 2003, p. 38-9).
- 3 *Karma* em sânscrito significa ‘ação’, aplicado às religiões orientais hindu, budismo e jainismo. Toda ação recebe uma reação, ou seja, toda ação humana praticada em vida, seja ela boa ou má, irá trazer consequências seja nesta vida ou na outra.
- 4 Uma prática em busca do “eu” interior, transcendendo os seus limites físicos. Ao mergulhar-se no silêncio, o homem liberta-se de seus pensamentos, desejos, críticas e ansias. Uma prática que leva ao autoconhecimento.
- 5 Vale do Amanhecer, Legião da Boa Vontade, Ordem Rosa-Cruz, Collegium Lux, Espaço Holístico Lakshmi Vishnu, Osho Lua, Sociedade Fraterna do Lótus Sagrado e Sahaja Yoga estão dentre outros grupos que praticam a retomada de elementos das antigas religiosidades orientais, sejam elas do Oriente Próximo ou da Ásia.
- 6 Conjunto de 4 obras escritas em sânscrito, tendo as suas origens na história oral entre os grupos hindus, por isso, também não se sabe exatamente a datação de sua origem. Pode ter sua origem há mais de dois mil anos antes de Cristo. Eles formam a base de todo o conhecimento religioso do Hinduísmo. *Veda* em sânscrito significa conhecimento.

#### Referências

BARROSO, Maria Macedo. *A Construção da Pessoa “Oriental” no Ocidente: um estudo de caso sobre o Siddha Yoga*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.



CAES, André Luiz. A “orientalização do ocidente”: elementos reflexivos para a compreensão da interação e integração entre os valores religiosos orientais e ocidentais. *Revista Mosaico*, v.2, n.2, jul/dez, 2009. p. 154-164. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/viewFile/973/681>. Acesso em: 22 de maio de 2017.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Brasília: capital e mudança*. 2ª tiragem, n. 3 – Brasília: Coordenação de Publicações, 2005. [Série cadernos do Museu]. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/museu/publicacoes/arquivos-pdf/Brasilia-PDF.pdf>. Acesso em: 16 de novembro de 2016.

CAMPBELL, Collin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.18, n.1, 1997. p. 5-21.

CIPRIANI, Roberto. As religiões universais de Weber. In: CIPRIANI, Roberto. *Manual de Sociologia da Religião*. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2007. [Coleção Ciências Sociais].

KERN, Iara. *De Akhenaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª ed. Brasília: Ed. Gráfica Ipiranga Ltda., 1984.

NAZÁRIO, Moisés. *Muitos Acreditam que o Santo Italiano Profetizou a Construção de Brasília no século 19*. Brasília: Senado Federal, 2010. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not08.asp>. Acesso em: 10 de junho de 2017.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. Nova Era à brasileira: a New Age popular do Vale do Amanhecer. *Revista Interações – Cultura e Comunidade*, v.4, n.5, 2009. p. 31-50. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6685/6117>. Acesso em 22 de maio de 2017.

SAID, Edward. *O Oriente Como Invenção do Ocidente*. 1ª reimp. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Sandro Martins de Almeida. *A família transnacional da Nova Era e a Globalização do ((amor)) em Alto Paraíso de Goiás, Brasil*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2013.

SILVA, Janete Rodrigues da. *Movimento Neopentecostal e Religiosidades Neoesotéricas: um estudo comparado sobre comportamento religioso em Goiânia*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPG em Sociologia da Universidade Federal de Goiás, 2010.

SILVEIRA, Marcos Silva da. Max Weber e o Movimento Hare Krishna. In: LIMA, Ricardo Barbosa de & SIQUEIRA, Deis (orgs.). *Sociologia das Adesões: Novas religiosidades e a busca místico – esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, Vieira, 2003. p. 267 – 293.

SIQUEIRA, Deis. A labiríntica busca religiosa na atualidade: crenças, e práticas místico-esotéricas na capital do Brasil. In: LIMA, Ricardo Barbosa de & SIQUEIRA, Deis (orgs.). *Sociologia das Adesões: Novas religiosidades e a busca místico – esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, Vieira, 2003. p. 25 – 64.

SIQUEIRA, Deis. Novas religiosidades, estilo de vida e sincretismo brasileiro. In: LIMA, Ricardo Barbosa de & SIQUEIRA, Deis (orgs.). *Sociologia das Adesões: Novas religiosidades e a busca místico – esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, Vieira, 2003. p. 107 – 163.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE EUBIOSE. *A Sociedade*. 2012. Disponível em: <http://www.eubiose.org.br/site/br/?do=site:conteudo:exibir&pid=ZDY1MzlkM2I1Nz-XQf4so1vpBMvqAH6i8g>. Acesso em: 17 jun. 2017.

VASCONCELOS, Americano. *A mudança da Capital*. Brasília: Gráfica e Editora Independência Ltda, 1978.

VISVANATHAN, Shiv. Encontros culturais e o Oriente: Um estudo das políticas de conhecimento. In: MENESES, Maria Paula & SANTOS, Boaventura de Sousa (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina S.A., G.C. Gráfica de Coimbra, Ltda., 2009. p. 487 –505.

